

MÚSICA

Sinfônica Jovem presta homenagem em concerto

Apresentação lembra Ernst Mahle, compositor colaborador da orquestra

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

O compositor Ernst Mahle foi um dos principais colaboradores da Orquestra Sinfônica Jovem da Paraíba, tendo colaborado, ao longo de anos, com composições especialmente concedidas e compartilhadas com o grupo. Com proposição mais educativa e formativa, as peças tornavam-se elemento de criação e descoberta dos jovens que participam da sinfônica. Pelo grande papel de Mahle, a orquestra realiza, hoje, um concerto em homenagem ao alemão naturalizado brasileiro falecido recentemente. A apresentação será às 20h30, com distribuição de ingresso, gratuitamente, a partir das 19h, no Espaço Cultural.

Será realizada a execução de “Concerto para trombone e orquestra”, de sua autoria, que terá como solista a trombonista Larissa Feliciano. Haverá espaço, ainda, para músicas popularmente conhecidas da orquestra, do músico estadunidense Ray Conniff e xotes do Maestro Duda.



Foto: Roberto Guedes

Luiz Carlos Durier, mais uma vez, será o regente na apresentação dos jovens músicos

Essa é a terceira apresentação do ano da orquestra, com regência do maestro Luiz Carlos Durier.

“Mahle foi uma pessoa que muito colaborou e da qual eu sou muito grato por todo o material que ele sempre me enviou graciosamente para que eu pudesse fazer com a Sinfônica Jovem da Paraíba”, conta o mestre. “Uma das orquestras que mais tocou o maes-

tro é a Sinfônica Jovem da Paraíba”.

Na colaboração, Mahle mandava composições para a orquestra. “Isso porque um maestro deve colocar um repertório para a sua orquestra, que ela possa tocar com dignidade, com beleza e com aptidão artística”, prossegue Durier. “Todo o seu repertório, basicamente, é voltado para orquestras de formação. Então, essa nossa

gratidão, é a nossa homenagem e nós faremos isso com o coração bem cheio de emoção”.

ONDE:

■ SALA JOSÉ SIQUEIRA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

MÚSICA

Candiero grava ao vivo no Teatro de Arena

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Lançado em fevereiro deste ano, *O Grande Banquete*, álbum do coletivo cristão Candiero ganha, agora, um registro audiovisual e um disco ao vivo do trabalho pelo selo do grupo. A gravação acontece hoje, às 19h, no Teatro de Arena do Espaço Cultural José Lins do Rego, em Tambauzinho. Já em seu terceiro lote, os ingressos podem ser adquiridos no [site](http://www.turnegrandebanquete.com.br) (www.turnegrandebanquete.com.br), no valor de R\$ 20.

O álbum foi bem recepcionado nas plataformas digitais e por isso mesmo o coletivo resolveu celebrar a repercussão com a *Turnê O Grande Banquete*, passando por cidades como João Pessoa, Recife, Fortaleza, Salvador, Brasília e Goiânia. Marco Telles, diretor do grupo, refere-se à obra como um sermão musical, em



Foto: Divulgação

Coletivo de música religiosa faz registro de palco do disco de sucesso “O Grande Banquete”

trilhas como “Casa cheia” e “A resposta”, compostas por Marco e Filipe Da Guia, cofundador do coletivo.

“Estamos mobilizando bastante gente na equipe técnica, com profissionais de Recife, São Paulo e produtores pessoenses”, afirma Marco. “Além disso, existe uma mobilização de público, com caravanas confirmadas de

todas as regiões do país. Isso deixa a gente muito animado. Para o nosso coletivo é um marco histórico”.

O grupo já soma seis anos de atividade investindo na produção de música autoral, sobretudo a nordestina, muito embora artistas de todo o Brasil integrem o trabalho. “O culminar disso é esse evento, uma espé-

cie de confirmação da qualidade da nossa composição, da nossa lida, da nossa família”, conclui.

Além de *O Grande Banquete*, o Coletivo Candiero gravou também *Colcha de Retalhos* (2023). A gravação de hoje contará com a participação da banda Calmará e Midian Nascimento.

ONDE:

■ TEATRO DE ARENA (Espaço Cultural, R. Abdias Gomes de Almeida, nº 800, Tambauzinho, João Pessoa).

Crônica Em destaque

José Nunes - Jornalista

Lições que nunca esquecemos

Uma data marcante para mim é o dia 5 de fevereiro de 1975. Nessa data, minha primeira crônica foi publicada no jornal *O Norte*. Pouco mais de uma lauda datilografada na Remington. Um texto curto que relembrava uma viagem a Serraria, quatro anos depois que de lá tinha saído.

Para publicá-lo, como fazia em outras oportunidades, Nathanael Alves “passava a vista”, apontava os excessos. Exercício maravilhoso para aprender as artimanhas de escrever. O amigo realizava o trabalho com paciência. Devo muito a esse conterrâneo por ensinar o passo a passo de como montar um texto; apontou a base das leituras e da literatura, ainda hoje em construção.

Na convivência com os escritores, artistas e pensadores, exercitamos o aprendizado. Na discussão literária, construímos caminhos e saberes.

Quando cheguei às redações, ainda era comum o hábito antigo entre os repórteres e redatores: concluída a edição do jornal, reuniam-se em torno da mesa de bar para intermináveis conversas, sempre regadas a cerveja.

Quando passei a frequentar a Redação de *O Norte*, em 1976, como copiad

ador de telegramas das agências de notícias e repórter noturno, participei dessa patota.

Presenciava Nathanael Alves, Martinho Moreira Franco e Gonzaga Rodrigues copidescando as matérias e, num intervalo, discutindo o conteúdo e a forma de seus artigos. A crônica publicada no dia seguinte, quase sempre, era motivo de debate pelo trio.

Depois que esse trio afinou o passo — ou melhor, a escrita

—, praticaram a crônica como literatura. Muitas décadas depois, Gonzaga é o único a manter o hábito semanal de publicar uma crônica, resgatando fatos do cotidiano com a mesma maestria de quando começou a escrever.

No ano de 1981, depois que Nathanael partiu para ser presença entre as estrelas do firmamento, para não ficar órfão, Gonzaga trouxe o compasso para meus escritos, ajudando a tirar dúvidas quanto ao emprego do substantivo e da sintaxe.

Por causa de uma frase fora do contexto, colocada em uma crônica sobre o ninho de beija-flores, no pátio da empresa onde trabalho, fui motivo de carões por parte dele. Quando encontra um escorrego no texto, ele chega com os conselhos para evitar a frase troncha.

Aprendi bastante com os três amigos — Nathan, Martinho e Gonzaga. Sempre recorro a Gonzaga nas minhas aflições literárias. Quanto é bom ter a quem recorrer na hora da difícil gestação do texto.

Desses três amigos e mestres, recolhi lições para a convivência com as artes, com os livros.

Com os monges primitivos, aprendi que caminhar purifica os pensamentos e evita estropear as palavras.

Os aprendizes do ofício de escrever estão sempre carentes do olhar crítico. Os críticos literários e estudiosos da literatura, o olhar acadêmico, são importantes na orientação ao escritor.

Com o passar do tempo, amiúde, Gonzaga revelou as raízes da melhor forma de elaboração da frase, o uso da palavra correta na descrição da cena imaginada.

Desde os primeiros passos, os conselhos dele vieram se juntar ao que Nathan transmitia. Escrever é buscar, sempre, a magia das palavras para montar o retrato da cena que se deseja.

Colunista colaborador

Vitrine cultural

Foto: Wellington Jan/Divulgação



Gitana Pimentel e outras atrações no Manga Rosa

A cantora é uma das atrações juninas da semana no Manga Rosa (Bessa, João Pessoa), que começou, ontem, com Lily Sanfoneira. Gitana canta hoje, seguida pelo Trio Baraúna, amanhã. No sábado, é a vez do grupo Forró de Fininho. No domingo, o show é do Candeeiro Natural. E na segunda, Pedro Paz. Todas as apresentações são às 20h, exceto domingo, que é às 19h.

Itaú Cultural Play celebra quatro anos com Limite

A plataforma gratuita de *streaming* faz aniversário hoje e comemora durante o mês com a parceria de festivais de cinema, como o Olhar de Cinema, de Curitiba (PR), e o CineOP, de Ouro Preto (MG). Hoje, tem o lançamento de clássicos em cópias restauradas, começando por *Limite* (1931), de Mário Peixoto, um dos mais importantes filmes brasileiros de todos os tempos.